

EXPERIÊNCIAS NEGRAS

O COTIDIANO COMO
AÇÃO EDUCATIVA

Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo
e Instituto Tomie Ohtake apresentam



Arquivo digital da publicação
<https://tinyurl.com/experienciasdigital>



Videolibras
<https://tinyurl.com/experienciasvideolibras>



Playlist de audiodescrições
<https://tinyurl.com/experienciasaudiodescricoes>

EXPERIÊNCIAS NEGRAS

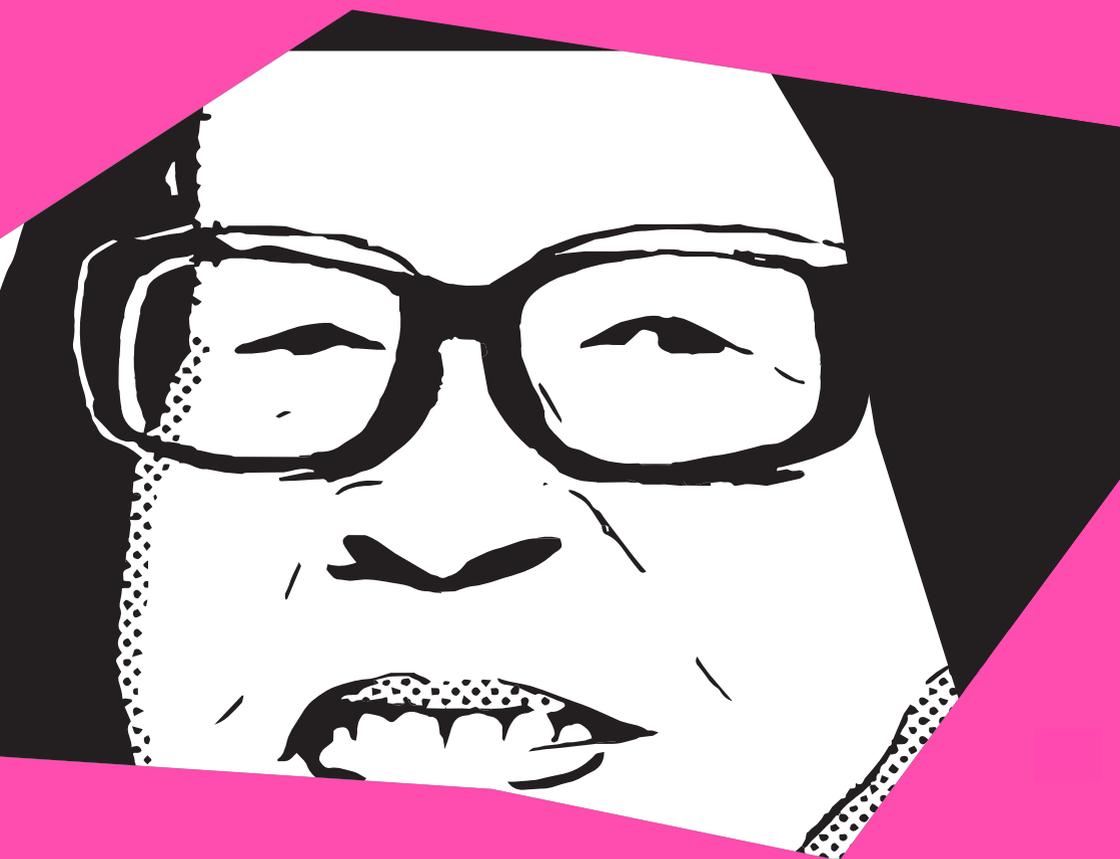
O COTIDIANO COMO
AÇÃO EDUCATIVA

MEMÓRIA QUE SE CONSTROÍ



**INSTITUTO
TOMIE OHTAKE**

**CASA SUELI
CARNEIRO**



O projeto Experiências Negras, criado pelas educadoras Jordana Braz e Luciara Ribeiro em 2018 e continuado por diversas equipes do Instituto Tomie Ohtake, nasce da vivência de educadoras/es negras/os em espaços de arte e cultura. Com o objetivo de ampliar o olhar para a potência e relevância dessas/es educadoras/es e para um trabalho de educação que transcendesse as visitas às exposições, apostou na porosidade para o mundo de um projeto essencialmente educativo, realizou seis edições com esse olhar, colheu aprendizados vivenciados e absorvidos a cada edição e sistematizou resultados que, lidos conjuntamente, propiciam novos posicionamentos e alcances para o projeto.

O desejo de imprimir sua história e fazê-la circular de mais e novas maneiras desde o próprio percurso foi se ampliando em termos de aprendizado, proposição temática, abordagem, linguagens e alcance, acompanhando contextos e necessidades identificadas, transbordando o espaço do Instituto Tomie Ohtake, indo para outros lugares.

A Casa Sueli Carneiro recebeu com grande alegria o convite do Instituto Tomie Ohtake para participar da realização desse desejo. As equipes se aproximaram e, ao longo de cinco meses de atuação conjunta, foram identificando

aprendizados e contribuições mútuas, bem no formato como o Experiências Negras já havia caminhado até ali.

Fundada em 2020 e operando com atividades voltadas à preservação e articulação de memória negra, a Casa Sueli Carneiro, entre suas estratégias de educação popular, realizou os cursos “Fazedoras de Memória Negra” e “Ler o Brasil”. Ambos tiveram grande potência de mobilização e engajamento, o que revelou a demanda de pessoas de todo o país por aprender em conexão com o movimento negro. O desafio que percebemos é aprofundar a compreensão dessa demanda e a criação de mais espaços para atendê-la, caminhos que podem ser trilhados também em parceria com o Instituto Tomie Ohtake.

Realizamos juntas e juntos, nesses cinco meses, uma travessia que envolveu a costura de olhares e perspectivas das duas instituições sobre a potência de continuidade do Experiências Negras, alcançando mais espaços e pessoas. Paramos para refletir, olhamos para trás e para frente, deixando a memória negra facilitar nossas conversas e proposições e, com isso, assinamos juntas e juntos, Instituto Tomie Ohtake e Casa Sueli Carneiro, esta publicação.

**12 QUANDO UM DESEJO
VIRA AÇÃO**

Jordana Braz

20 DERIVAS DA MEMÓRIA

Juba Duarte

**28 TECENDO PRETAS
COLETIVIDADES NAS
ARTES E TERRITÓRIO**

Andrea Mendes

**36 ENCRUZILHADA
DE SABERES:
PROCESSOS
EXPERIMENTAIS EM
CURADORIA, ARTE
E EDUCAÇÃO**

Elidayana Alexandrino

- 48 MISTURA DE
EXPERIÊNCIAS**
Entrevista de Cicero
Bibiano a Jordana Braz
- 54 A MEMÓRIA
FUTURA A PARTIR
DO EXPERIÊNCIAS
NEGRAS**
Casa Sueli Carneiro
- 63 EXPERIÊNCIAS
NEGRAS NO TEMPO:
VIVÊNCIAS E
APRENDIZADOS
CONTÍNUOS**





QUANDO UM DESEJO VIRA AÇÃO



JORDANA BRAZ



Escrever sobre o Experiências Negras é materializar vivências que antecedem a criação do projeto, em 2018, e suas edições, que se estendem até hoje. A proposta se originou na Equipe de Ação e Pesquisa Educativa (EAPE) do Instituto Tomie Ohtake, através da proposição de um encontro para educadores negros. Uma informação importante é que eu ingressei no Instituto em fevereiro de 2017 e fui a única educadora negra da equipe até o segundo semestre de 2018, ano em que a instituição recebeu a exposição “Histórias Afro-Atlânticas”, realizada em parceria com o MASP.

Outras exposições que tinham a produção de artistas africanos e negros em diáspora em lugar de protagonismo também ocorreram no mesmo ano, como a “Ex Africa” no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de São Paulo. Tanto no CCBB quanto no Instituto Tomie Ohtake, casos de racismo sofrido por parte dos educadores foram relatados. Como um desejo, eu imaginei um encontro para educadores conversarem sobre a qualidade do trabalho e compartilharem com os demais sobre suas experiências. A proposta ficou na vontade, afinal, eu era a única educadora negra até então. Mesmo que eu compartilhasse minhas impressões enquanto pessoa preta num espaço com a maioria branca, eu poderia ser ouvida, mas não entenderiam na pele o que eu estava sentindo. Com mais uma pessoa preta, esses sentimentos trocados poderiam virar uma potência.

Comigo, no segundo dia após a abertura da exposição “Histórias Afro-Atlânticas”, uma visitante ficou incomodada com a minha presença junto a dois jovens músicos. Durante a visita que eu fazia com a dupla, a mulher branca tocou no meu braço e pediu que eu falasse baixo, pois eu estava incomodando o público. Eu reportei para a direção do Núcleo de Cultura e Participação, na época gerido por Felipe Arruda. Fui acolhida e, em seguida, a instituição passou por uma formação sobre relações étnico-raciais. Uma das mudanças foi aumentar a presença de profissionais negros no Núcleo de Cultura e Participação e em outras áreas da instituição. Na ocasião, a EAPE escolheu a curadora, pesquisadora e educadora Luciara Ribeiro para compor a equipe. A chegada da Luciara foi fundamental para o tensionamento da atuação dos

profissionais negros das artes nas instituições. Suas vivências e experiências em outros centros artísticos e culturais dialogavam com as minhas.

Aquela vontade de ter um encontro para educadores tornou-se ação e só foi possível com a presença da Luciara. Desejos são apenas desejos quando ficam no âmbito individual. No coletivo, eles se tornam potências e ações. Na ocasião, sob a coordenação de Melina Martinho, os educadores da EAPE puderam experimentar propostas educativas que tinham como base suas pesquisas pessoais e acadêmicas. Assim, a ação proposta por mim em parceria com Luciara foi o encontro “O Corpo Negro na prática educativa”, realizado em 24 de novembro de 2018. Nossas vivências enquanto educadoras pretas, além da instalação da artista afro-britânica Selina Thompson intitulada *Race Cards*, que estava em exibição no Instituto Tomie Ohtake no período de 10 a 20 de novembro de 2018, foram dispositivos importantes para essa atividade. Como convidados do encontro, chamamos profissionais da arte e educação: Ana Paula Lopes, Juba Duarte e Uilton Júnior. Em um sábado nublado, o encontro que foi divulgado em cima da hora contou com a presença de 20 pessoas, sendo um deles um educador de uma cidade do interior de São Paulo que esteve no Instituto pela primeira vez para participar do evento. A atividade durou duas horas, mas o grupo permaneceu junto, conversando por mais uma hora. Ali, tanto Luciara quanto eu percebemos que o encontro não se encerraria naquele momento. Cerca de nove meses depois, em agosto de 2019, estávamos lançando uma publicação com textos da ação de novembro de 2018, em um evento que já tinha o nome de Experiências Negras, na edição intitulada *Coletivo de artistas negres: projeções para as artes contemporâneas*. Para ela, convidamos Andrea Mendes, Keyna Eleison, Peter de Brito e Ina Henrique Dias. Em um ritmo intenso, em outubro de 2019 foi lançada a publicação da edição *Coletivo de artistas negres: projeções para as artes contemporâneas* e foi organizado um encontro do Experiências Negras intitulado *Novas Curadorias Femininas*. Essa ação contou com a participação de Carollina Lauriano, Horrana Santoz e Ketty Valencio, e foi a última

edição com a participação de Luciara Ribeiro na equipe. Em menos de um ano, foram realizados quatro encontros importantes para entender a complexidade do projeto. Porém, mudanças chegaram para o Experiências Negras e para o mundo.

O título da quarta edição, lançada em junho e julho de 2020, documenta o período que estávamos passando: *Artistas produzindo em tempo de distanciamento*. Realizada inteiramente de forma on-line, possibilitou a participação de convidados de outros estados do Brasil e de outro continente, como Nú Barreto e Rubén Bermúdez, na Europa, e Keila Sankofa, no Amazonas. Além dos três artistas convidados, a publicação apresentou outros que estavam com produções artísticas visuais intensas no período da pandemia. Foi a primeira edição que contou com a educadora Luara Carvalho e a coordenadora da EAPE Isadora Mellado atuando comigo diretamente no Experiências Negras. Ambas as profissionais ficaram no projeto na quinta edição e ajudaram na concepção da sexta edição.

Na quarta edição, alguns dos artistas que participaram do projeto tiveram dúvidas sobre como escrever uma minibiografia ou montar um portfólio. Daí, surgiu a proposta para a edição de 2021, intitulada *Partilhas, saberes e vivências*, composta por quatro oficinas com quatro profissionais fundamentais para uma exposição: artista, curador, educador e montador. Para isso, convidamos Renan Teles, Elidayana Alexandrino, André Vargas e Cicero Bibiano. A publicação oriunda desse encontro contou com os textos dos convidados e também relatos de profissionais da área técnica, da orientação de público e da limpeza do Instituto Tomie Ohtake falando sobre seus trabalhos.

No ano de 2022, o projeto Experiências Negras retomou o formato presencial, alinhado ao pensamento da economia do cuidado e influenciado pela exposição “Anna Maria Maiolino – pssiiiiuuu...”. A ideia foi colocar em diálogo as vivências das artistas Tomie Ohtake e Anna Maria Maiolino com as da escritora Carolina Maria de Jesus. Foram propostas experiências de dança, artes visuais e literatura no CAE - Casa de Apoio Maria Maria, na região do Canindé, São Paulo, território em que Carolina

Maria de Jesus viveu parte de sua vida e escreveu *Quarto de Despejo*, um de seus livros mais célebres. A edição contou com oficinas literárias com Jenyffer Nascimento e oficinas de dança e arte com Janette Santiago, Paula Salles e NeneSurreal, que geraram reflexões textuais na publicação *Tecendo vivências*. Foi uma experiência visceral para todos os envolvidos nas oficinas. Pela primeira vez o projeto ocorreu na gestão de Ana Carolina Tonetti, diretora do Núcleo de Cultura e Participação, e todos os membros da EAPE participaram de forma ativa. As educadoras Kaya Fernanda Vallim, Andrea Lalli e Guilherme Fernandes Lima e as coordenadoras Natame Diniz e Divina Prado atuaram ativamente em todo o processo da sexta edição. No final de 2022, o projeto Experiências Negras ganhou seu primeiro prêmio pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo.

Em 2023, o projeto ofertou oficinas de artes em dois espaços na cidade de São Paulo: a Oficina Cultural Alfredo Volpi e a Casa de Cultura Vila Guilherme - Casarão. As oficinas possibilitaram o retorno de quatro profissionais que participaram das edições anteriores: Andrea Mendes, Cicero Bibiano, Elidayana Alexandrino e Juba Duarte. Veio também a primeira parceria com outra instituição: a Casa Sueli Carneiro. A contribuição da Casa Sueli Carneiro foi importante para pensar o projeto editorial desta publicação, além de lançar novos olhares sobre a história do projeto.

É importante mencionar que escrever sobre o histórico do Experiências Negras é um exercício reflexivo sobre como o projeto se articula com outros territórios para além do Instituto Tomie Ohtake, e também sobre como seu amadurecimento ao longo dos anos tem dialogado com o cotidiano. Para mim, é um exercício retomar a história do projeto e refletir sobre como e quanto o Experiências Negras permanece na vida de quem participa dele, seja como convidado, equipe ou público.

Através do projeto, artistas que tiveram seus trabalhos compartilhados nas publicações estão participando de exposições e sendo reconhecidos com suas obras em mostras e residências

internacionais. Através do projeto, profissionais convidados se perceberam excelentes professores e tiveram suas primeiras experiências ministrando oficinas. Através do projeto, pessoas se conheceram e, atualmente, vivem juntas como casal. Esses são alguns exemplos que evidenciam que o projeto Experiências Negras é agente de afeto e empoderamento, além de inserir saberes e narrativas profissionais que partem de vivências negras.

Ao longo do meu texto, eu citei alguns nomes, mas é importante dizer que tantos outros foram fundamentais para o projeto, como Gleyce Kelly Heitor e Cláudio Bueno, antigos diretores do Núcleo de Cultura e Participação, Ricardo Miyada, que esteve em todas as edições documentando por fotografia ou vídeo, e todos os designers que colaboraram com a identidade visual do projeto. O Experiências Negras nasce e se mantém como um projeto educativo parido por educadoras negras e acolhido por todas as áreas do Instituto Tomie Ohtake. Cada participante das oficinas, dos encontros presenciais e virtuais, cada leitor das publicações, todas essas pessoas também nutriram o projeto, contribuíram e seguem contribuindo para que ele reverbere como potência transformadora a cada edição.

Vida longa ao Experiências Negras e gratidão a cada pessoa que participa e possui afeto pelo projeto.



DERIVAS, DA MEMÓRIA



JUBA DUARTE



Nascemos e mantemos nossa existência no lugar da memória. Traçamos nossa vida por meio de tudo de que lembramos, do momento mais mundano ao mais majestoso. Conhecemos a nós mesmos por meio da arte e do ato de recordar. As memórias nos oferecem um mundo onde não há morte, onde somos sustentados pelos rituais de afeto e lembrança.

bell hooks

Sinto uma sensação de contenteza em participar deste momento do Experiências Negras e observar os caminhos pelos quais o projeto andou e aqueles que vem criando desde então.

Falar de Experiências Negras, para mim, é falar de afeto e de transformação; é trazer o corpo, as corpos e as singularidades de cada pessoa que se descobre ou é descoberta enquanto pessoa negra no Brasil, sobretudo no campo da arte-educação e cultura.

A racialização de subjetividades vem muitas vezes de fora para dentro. Entender-se negra é entender que existem diferenças, o que não precisaria ser ruim. A questão é que também existe a desigualdade. Entender essa identidade que nos foi dada pelo outro não é tarefa fácil. Desde que a categoria *negro* foi criada, tentamos compreender seus significados e sentidos dentro de cada espaço habitado. As experiências negras são distintas, passam por isolamento, exotização, exclusão, excepcionalidade. No entanto, é imprescindível dizer que sempre são repletas de inventividade, criatividade e inteligência. Elas trazem em si o que Paul Gilroy chamou de dupla consciência, pois, uma vez cientes da sua condição não hegemônica e da participação em um sistema cultural e histórico que não necessariamente as representa, as agentes dessas experiências criam e recriam estratégias de pertencimento a um espaço.

Durante o ano de 2018, estive trabalhando em instituições culturais no centro da cidade de São Paulo, mais precisamente no Triângulo Histórico. Meu corpo, acostumado a procurar no espaço urbano relações, expressões, dinâmicas, foi dedicando ao centro

da cidade mais tempo do que as remuneradas oito horas diárias de trabalho pediam. Também não era a variedade de restaurantes e lojas o que realmente me atraía – mas também, risos. Eram sobretudo os edifícios, um deles onde eu inclusive trabalhava. As pinturas, os monumentos, nomes de ruas e avenidas. Compreendia, com um imaginário já bastante reforçado por esses símbolos, que havia uma narrativa muito forte de qual cidade é São Paulo e a quem ela pertence.

No cruzamento entre as ruas São Bento, Comércio e Álvares Penteado, também conhecido como Largo do Café, existem duas pinturas, na fachada de um edifício, que representam carregadores levando sacas de café nas costas. Essas pinturas, assim como a arquitetura do centro cultural onde trabalhava e de demais monumentos e edifícios do centro urbano, contam uma versão da história de modernização de São Paulo: a da transformação da cidade, que até meados do século XIX contava com um cenário bastante rural e arcaico. Elas fortalecem o mito do imigrante europeu que ergueu a cidade através de seu trabalho, e dialogam com reproduções de telenovelas brasileiras, literatura e imagens, em diferentes meios de comunicação e arte. Mas, como diz o pesquisador Casé Angatu (Carlos José Ferreira dos Santos), nem tudo era italiano!

Adentrando as fachadas dos edifícios, como educadora-pesquisadora negra e periférica de um desses prédios, era custoso apresentar todos os dias, durante visitas patrimoniais, essa mesma narrativa às pessoas visitantes do centro cultural. Contar uma história e deixar de contar outras. Omissão não é o meu forte.

Curioso notar que a primeira exposição em que atuei como educadora nessa instituição cultural tratava-se de uma mostra de arte africana contemporânea – o que causava bastante estranhamento às pessoas visitantes, visto que a imagem do continente africano, para a maioria delas, está sempre ligada a um cenário de fome, pobreza, doenças etc.

O contraste com produções artísticas que contavam a história de países como Senegal, Benin, Nigéria, África do Sul, Angola, entre outros, por uma perspectiva decolonial, trazia

aspectos de culturas de resistência, como o Afrobeat ou as tranças e penteados usados por mulheres negras fotografadas por J.D. 'Okhai Ojeikere, e causava espanto a um público acostumado a imaginar esses países subjugados e oprimidos, incapazes de produzir arte, literatura, culturas próprias.

Assustavam-se mais ainda com diferentes corpos, vozes e matizes de pessoas negras com camisetas nas quais estava escrita, nas costas, a palavra EDUCADOR: artistas e pesquisadoras que conheciam essas histórias, que eram próximas e até ligadas a essas culturas, pessoas que tinham autoridade e protagonismo para dizer sobre essas produções. Isso me parecia que causava certo desconforto à maioria branca acostumada a ver sua cultura representada nas principais instituições de arte.

Esse choque da cultura da elite branca eurocentrada heterocisnormativa com as estéticas, corporeidades, artes e culturas negras, sejam elas afrodiáspóricas ou africanas, trouxe uma série de conflitos para dentro das instituições, que a meu ver se esquivam de abrir discussões e debates a esse respeito. Interessante pensar que espaços de arte e cultura – e digo de uma certa experiência por ter passado por alguns –, depois de muita movimentação social no campo político e artístico, vêm adotando contratações, realizando mostras de arte com e sobre grupos minoritários sem, no entanto, ao que me parece, refletir e adotar medidas de segurança, espaço e acolhimento para a presença efetiva desses grupos como trabalhadoras.

A presença de pessoas negras em espaços de discussão, reflexão e tomada de decisões ainda é bastante recente. Não é neles que a sociedade está acostumada a nos ver e ela sequer dispõe de letramento racial para conviver com pessoas que não estão nesses lugares para servir ou serem silenciadas. Ainda somos vistas através de estereótipos e exotizações criadas, inclusive, por representações do mundo artístico.

Penso que evitar e/ou afastar tensões sociais que um espaço democrático, como se pretendem os museus e centros de arte e cultura, fará emergir seja fechar os olhos e não considerar que a formação do país passa por acontecimentos

de violência e exclusão de diferentes grupos sociais, como pessoas com deficiência, pessoas negras, indígenas, mulheres, comunidade LGBTQIAP+ etc. Também se trata de colaborar para a continuidade dessas violências a falta de comprometimento com políticas antirracistas, e as práticas misóginas e machistas, capacitistas e LGBTQIAPfóbicas.

Nesse sentido, uma vez contratadas, essas pessoas necessitam de espaços de acolhimento, segurança e escuta contra qualquer expressão de ódio vinda externa ou internamente. Como tantos outros, o local de trabalho de corpos dissidentes é um espaço potencial de violência, mas também pode ser capaz de oferecer cura, afeto e pertencimento.

Em Pertencimento: uma cultura do lugar, presto uma homenagem ao passado como um ponto de partida para que revisemos e renovemos nosso compromisso com o presente, com a criação de um mundo no qual todas as pessoas possam viver de forma plena e satisfatória, no qual todas tenham a sensação de pertencimento. (HOOKS, 2022)

Nesse cenário de estar dentro de uma instituição que arquitetonicamente conta a história dos vencedores (mas estar fora dela), de estar dentro dessa cidade (ao mesmo tempo que fora), nasce o desejo de conhecer mais sobre o passado, sobre uma presença negra que tivesse antecedido a dessa equipe educativa que buscava diferentes formas de estar e pertencer àquele espaço.

Responsável por promover ações e atividades voltadas à educação patrimonial, o GT (grupo de trabalho) chamado Outros Saberes, do programa educativo, desenvolveu pesquisas e metodologia voltadas a produzir novas cartografias do Triângulo Histórico juntamente ao público visitante do espaço cultural, que receberam o nome de “Derivas da Memória”. Interessante pensar que a pluralidade que nomeava o GT deu também um sul para pensarmos na multiplicidade de memórias e culturas omitidas no

esforço em se adotar uma narrativa extraordinária sobre os fatos históricos.

Nesse sentido, a primeira edição do Experiências Negras, ainda antes do nascimento de “Derivas da Memória”, certamente influenciou essa e tantas outras criações prático-reflexivas para a arte-educação. “Derivas da Memória” nasce em 2019, fruto do encontro de educadores pretos, de caráter extrainstitucional, também gestado pelo Experiências Negras, que abrigou reflexões, afetos, imaginação e questionamentos de corpos negros no campo da arte-educação.

2018, o ano da primeira edição do projeto Experiências Negras, foi bastante significativo para o movimento negro nas artes: ano da exposição “Histórias Afro-Atlânticas”, sediada no MASP e no Instituto Tomie Ohtake; “Ex Africa”, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de São Paulo; “O Rio do samba: resistência e reinvenção”, no Museu de Arte do Rio (MAR), entre outras. Para os projetos educativos surgem muitas questões a partir da temática dessas exposições: quem irá mediar essas obras? Para além de pesquisas acadêmicas, quem são as pessoas que conhecem e são protagonistas dessas histórias? Como iremos contá-las?

Apresentar o projeto “Derivas da Memória” em 2023, na Zona Leste de São Paulo, após tantas caminhadas e encruzilhadas por onde ele passou, foi também uma amostra do que corpos pretos e dissidentes podem fazer juntas quando se encontram. Criamos uma nova cultura do lugar no Centro de São Paulo. Junto a tantos outros grupos que disputam a memória do centro da maior metrópole do país, ajudamos a tecer relações entre Hermes e Exu, entre o neoclássico e a cosmogonia yorubá e de terreiros de candomblé no Brasil.

A presença de outros saberes e fazeres em espaços de arte e cultura é axé para promover mais histórias, mais visões de mundo, ampliar sentidos e produções. É essa presença não é dada somente com mostras sobre esses conhecimentos, mas com eles postos em prática no dia a dia das instituições de arte, cultura, educação, economia, saúde etc. É o encontro entre

Hefesto e Ogum, que, mesmo sendo diferentes, podem dialogar e ampliar as formas como enxergamos tecnologia e progresso desde a invenção do capitalismo, que passou os trilhos por cima de matas, histórias, rios, gentes. “Derivas da Memória” é sobre se encontrar nessas histórias do progresso na capital paulistana; mas é, principalmente, sobre falar, imaginar, desenhar e recriar mundos e experiências negras que resistiram a esse projeto.

Se pensarmos a área da arte-educação, e sobretudo da educação patrimonial, como um espaço criativo, de experimentação e fazer artísticos, que proponha reflexão, debate e crítica sobre nossa sociedade, precisamos dialogar também com uma arte contracolonial, com a educação libertadora de Paulo Freire. Criar metodologias e espaços de pensamento que de fato ofereçam condições de pertencimento, com pesquisa, prática, atuação, acesso a uma parcela maior de pessoas. Que instituições de cultura, arte e história entendam essas categorias em suas pluralidades e que de fato promovam, por dentro e/ou por fora, experiência de pertencimento a trabalhadoras, públicos, gestoras etc.

Referências

HOOKS, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar* (2022)

TECENDO PRETAS COLETIVIDADES NAS ARTES E TERRITÓRIO



ANDREA MENDES



A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

Conceição Evaristo

Após quatro anos da minha participação no Experiências Negras, na segunda publicação, *Coletivo de artistas negras: projeções para as artes contemporâneas*, tive a honra de receber mais uma vez o convite para esta edição. Em 2019, eu apresentei o coletivo Pretas InCorporações, que estava com apenas dois anos de existência, mas com uma intensa produção e ocupação dos espaços. O coletivo se constituiu a partir do meu incômodo diante da dificuldade de artistas mulheres negras acessarem os espaços individualmente. Lugares antes distantes e monocromáticos passaram a sofrer reconfigurações em suas paletas de cores nos corpos artísticos, nas paredes e no público, a partir do movimento de aquilombamento.

Desta vez, no Experiências Negras, eu decidi trazer nossa experiência coletiva sendo corpos distantes geograficamente, mas conectadas pelo desejo de romper as barreiras da invisibilidade, de ressignificar códigos da arte e de promover diversidade, acessibilidade e representatividade para todos os públicos, em especial periféricos e afroindígenas. O termo *diversidade* sugere variedade e multiplicidade, mas também pode significar ausência de acordo ou divergência, e tem muito a ver com lutas das vozes oprimidas, que questionam as bases das relações de poder – no caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e ao poder em si é determinado por classe, casta, etnicidade e gênero. Em meio a uma sociedade que estabeleceu como padrão a estética da brancura, pautar o preto e o colorido é também uma forma de combater o preconceito e estabelecer consciência.

A forma mais eficiente de alcançar essa conscientização identitária é proporcionando o reconhecimento dos valores culturais, através de trocas e diálogos. É preciso trabalhar para

que o indivíduo seja “[...] capaz de reconhecer a si próprio [...] e de construir sua própria realidade” (BARBOSA, 1998, p. 14), e para que, além de reconhecer a cultura de seu meio, tenha a possibilidade de entender a existência da diversidade cultural do país e do mundo. A pauta da diversidade está presente em todos os contextos da atualidade, porém somente poderá ser garantida e promovida se estivermos cumprindo os direitos humanos e as liberdades fundamentais de cada grupo, bem como criando possibilidades de os indivíduos serem acolhidos em sua multiplicidade existencial.

Em seis anos de existência, as artistas do Pretas InCorporações têm contribuído com debates atuais sobre a arte contemporânea e a ocupação dos espaços, além de colaborar nos referenciais teóricos e artísticos através das suas pesquisas no campo acadêmico, compromissadas com a produção antirracista nas artes. Elas carregam uma trajetória artística em diálogo aberto sobre as artes contemporâneas, educação e comunidade, possibilitando reflexões sobre a experiência artística, o sujeito criador e o espaço de arte. Com portfólio extenso composto por exposições coletivas e individuais, além de participação em festivais, salões e residências artísticas, algumas artistas de nosso coletivo já estão sendo representadas por galerias importantes, com participações na principal feira de arte do país, a SP-Arte, afirmando o potencial das artistas e a plena condição de ocupar qualquer lugar. Pleitear a ocupação desses lugares, a partir de onde me localizo socialmente, “mulher/preta/periférica”, foi um grande desafio, pois havia a insegurança, o medo do erro e do julgamento dos críticos e do público; mas, como boa filha de Oyá, eu avancei, por mim e por todas que nunca tiveram a oportunidade de adentrar um espaço de arte, seja como artista ou como visitante.

Aqui me localizo sujeita escreviente, inventora de histórias visuais que refletem sobre experiências, práticas coletivas, que se lança ao mar, conduzindo a navegação e que sabe de onde, pra onde, porque e com quem está partindo, coletivizando histórias. Conceição Evaristo, nas páginas iniciais de sua obra *Becos da*

Memória (2017), afirma sobre as práticas escreventes: “portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas”. Ali, a autora escrevente me lança ao mar aberto entre a invenção e o fato, e foi utilizando dessa profundidade que vi a possibilidade de construir narrativas singulares, mas que apontam para uma coletividade. Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas. Refletindo sobre o conceito, Evaristo considera que “o sujeito tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com outros sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (2017).

Compartilho uma amostragem do percurso do Pretas, ciente de que não somos corpos sós – nossa existência é composta pelas ancestrais cujas vozes ainda ecoam nos porões dos navios, pelas que chegaram em terra nos trazendo à vida, zelando e segurando nossas mãos nas trincheiras da vida e da arte. Foi por e com cada uma delas que me lancei ao turbulento e colorido mar das artes, reivindicando vozes silenciadas e fomentando estratégias que incidam no reparo necessário e justo à parcela da população historicamente invisibilizada. Trago as narrativas de indivíduos que historicamente encontram-se numa condição subalternizada para lugar de enunciação: “quem pode falar? Quem não pode? E, acima de tudo, sobre o que podemos falar? O que acontece quando falamos?” (KILOMBA, 2010, p. 33). Neste sentido, escrever aqui a minha trajetória nas artes é também ANUNCIAR que podemos e vamos falar.

Neste contexto, *InCorporação* é ação e efeito de incorporar. E diz respeito a unir, acrescentar ou juntar algo a outra coisa para criar uma unidade; ou a juntar-se a outras pessoas para formar um corpo (um todo). Para além do significado único do nome, a curadora desmembrou a palavra *InCorporações*, desvelando outras: *COR, CORPO E AÇÕES*. Estas palavras evidenciam as

cargas sociais de mulheres pretas a partir dos pressupostos de raça-gênero-classe, tríade responsável pela intensificação de uma imagem naturalizada do feminino por uma visão androcêntrica, brancocêntrica e excludente que acumula violações contra o corpo de mulheres, bem como incentiva a violência e a opressão.

Subverter os marcadores históricos da arte que ditaram a construção de imaginários sobre a nossa história e representações culturais, e que nos lançaram no lugar de inferiores, mediados pela linguagem e imagem da supremacia branca, é sobre “transformar as imagens, criar alternativas, questionar quais tipos de imagens subverter, apresentar alternativas críticas e abrir espaço para imagens transgressoras” (HOOKS, 1992). Narro sobre a importância de escaparmos do panóptico, do controle e do disciplinamento do ocidente, e de lançarmos espaços de arte como armas contra-hegemônicas que insiram novos modos de fazer, de exhibir e de existir.

No campo das artes, descolonizar o conhecimento é refutar os próprios padrões e valores, que, baseados nesse princípio hegemônico de uma universalidade ocidental, determinou as noções de beleza e, portanto, do que merece ser validado (regimes de verdade) e ser visto (regimes de visibilidade). (LIMA, 2018)

A ações coletivas têm ido além de ressignificar o conjunto imagético em um determinado espaço de exposição; elas se colocam como agenciadoras para (des)estruturação dos paradigmas já estabelecidos como “ideais”. Mariah (2020) afirma que são inventariantes de novas fórmulas, novos dispositivos, novos suportes, novas narrativas para reinventar as linguagens, a produção de sentido e, sobretudo, a reconstrução imanente da memória daqueles que foram “calados, infantilizados, docilizados” (GONZALES, 1984, p. 225).

Reconhecer o esforço de seguir existindo mesmo quando são negadas a nossa presença e humanidade é fundamental, assim

como refletir sobre a presença preta na arte, abrindo espaços para uma nova leitura sobre a cultura e história do povo que construiu o continente que habitamos e, principalmente, visibilizando as produções contemporâneas de artistas em sua diversidade racial, social e de gênero, considerando que a produção de visualidades dessas e desses artistas e suas influências na cultura visual fazem parte da constituição de nossas identidades.

Referências

- BORGES, Rosane. *Escrevivências em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados* (2020)
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016)
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (2009)
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas* (1983)
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra* (1968)
- FELINTO, Renata. *A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produção e de poéticas* (2016)
- FELISBERTO, Fernanda. *Escrevivência como rota de escrita acadêmica* (2020)
- HALL, Stuart. *Cultura e Representação* (2016)
- HOOKS, bell. *Não sou eu uma mulher. Mulheres negras e feminismo* (1981) – tradução livre para a Plataforma Gueto (2014)
- KILOMBA, Grada. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism* (2008)
- LIMA, Diane Sousa da Silva. *Fazer sentido para fazer sentir: ressignificações de um corpo negro nas práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras* (2017)
- LUGONES, María. *Rumo a um feminismo descolonial* (2014)
- MAURA, A. *A trama da memória: sobre Ana Miranda, Adriana Varejão e Tatiana Salem Levy* (2017)



**ENCRUZILHADA
DE SABERES:
PROCESSOS
EXPERIMENTAIS
EM CURADORIA,
ARTE E
EDUCAÇÃO**



ELIDAYANA ALEXANDRINO



Abordar a curadoria a partir de um aspecto do Direito significa ver o curador como um defensor dos direitos que luta por justiça e reparação. Afinal, uma curadoria comprometida com a ética defende a arte e os artistas. No Brasil a palavra curadoria no período da escravidão estava atrelada a uma categoria jurídica: o curador representava uma ponte entre as pessoas escravizadas e o Estado. Nesse sentido, Luiz Gama foi o maior curador da nossa história.

Na primeira vez que participei do projeto Experiências Negras, na quinta edição (*Partilhas, saberes e vivências*, 2021), meu objetivo foi construir um diálogo com ética, amor, justiça e cura, partilhando minhas experiências como educadora, curadora e artista. De lá pra cá, caminho firmada nesse propósito de tornar a curadoria algo mais acessível no espaço da vida, pensando-a de forma mais prática, aproximando-a do cotidiano, como uma possibilidade de trazer para perto e construir outros diálogos com a noção de exposição.

Para essa edição, a proposta foi cruzar os saberes a partir de pensadores como Abdias Nascimento, Emanuel Araújo e curadores contemporâneos como Luciara Ribeiro, Janaina Damaceno, Igor Simões e Hélio Menezes. Sendo assim, propus uma discussão sobre como as políticas de exibição atuam hoje e como as instituições culturais estão construindo exposições mais educativas e até mesmo quebrando paradigmas.

A oficina que aconteceu na Casa de Cultura Vila Guilherme - Casarão foi uma partilha, uma roda de conversa em que apresentei epistemologias como a da “Encruzilhada”, tomando como referência Leda Maria Martins, que aponta que o cruzamento de saberes faz parte da formação cultural do Brasil:

A cultura negra também é, epistemologicamente, o lugar das encruzilhadas. O tecido cultural brasileiro, por exemplo, deriva-se dos cruzamentos de culturas e sistemas simbólicos, africanos, europeus, indígenas e, mais recentemente, orientais. (MARTINS, 2003, p. 69)

Portanto, cruzar as áreas de curadoria, arte e educação é uma forma de descolonização dos saberes, sem hierarquizar as experiências. Assim, comecei a conversa perguntando para as participantes: “Qual foi a exposição em que você mais se sentiu integrado ou que mais te causou algo bom?”

Uma das pessoas respondeu que havia sido uma exposição da Rosana Paulino, no Museu de Arte do Rio (MAR), no Rio de Janeiro; outra falou sobre uma mostra na Unibes Cultural, “Diálogo no Escuro”, que convidava o público a uma experiência sensorial; e eu também compartilhei uma que visitei quatro vezes, no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) de São Paulo “Lembrei que esqueci”, de Amelia Toledo, que apresentou a sua produção com rochas, aço, tecidos, e chamava o público ao toque, além do olhar.

Essa primeira escuta mostrou que a sensação no corpo é uma marca de exposições integrativas, evidenciando que nem toda curadoria valoriza apenas o sentido da visão.

Ampliando a noção de curadoria, é importante pensar que esta é um processo que pode começar a partir de si, do autoconhecimento; estimular a autonomia é um caminho, aproximar as pessoas do próprio cotidiano pode ser um lugar de experimentações. Ao organizarmos os objetos em nossas casas, fazemos escolhas, uma forma de curadoria.

Me recordo da casa da minha vó Maria Francisca da Silva. Quando criança, eu ficava impressionada com os quadros de santos e o quanto aquelas imagens e a disposição delas formaram o meu imaginário. Atualmente, no quarto dela, o quadro Sagrado Coração de Jesus se destaca entre calendários, quadros de flores e fotos da família. Ela reúne os objetos pelo afeto, e as imagens de cunho religioso funcionam como uma forma de cura, no sentido sagrado mesmo.

Durante a pandemia, minha vó criou formas de proteção, e essa maneira de buscar a cura se aproximou muito da arte contemporânea. Mesmo distante desse sistema e do circuito de exposições, ela usou da criatividade que é intrínseca ao ser humano: sua forma de se expressar se configura numa valorização da própria sensibilidade e do saber/fazer.

Apresentei imagens da casa da minha vó para pensarmos que é no dia a dia que fazemos curadorias, e que as exposições de arte apresentam aspectos muito semelhantes. Porém, deslocados de lugar, os objetos ganham outras percepções.

A curadora Luciara Ribeiro fala sobre esse aspecto dos objetos comuns trazerem novas visões para o sistema da arte e como mexem com a percepção dos espaços, a partir da obra *Acesso restrito*, de Sidney Amaral:

Acesso restrito, obra de 2006, foi uma das minhas principais parceiras no início do trabalho no MAB [Museu Afro Brasil]. Uma instalação formada por elementos do cotidiano, como um extintor de incêndio, uma escada, uma bolsa, uma lata de tinta, um rolo de pintar, entre outros. Meu olhar foi capturado pela materialidade, todos os objetos eram peças escultóricas realizadas em mármore e com detalhes em bronze dourado. Aquela concretude pouco usual para pensar o cotidiano me fascinou, apurou em mim inquietações já preexistentes, mas que naquele momento ainda encontravam poucos espaços de interlocução. Como uma recém-formada em história da arte, tinha inquietações sobre conceitos, valores, nomeações e circulação de objetos dentro do sistema das artes. Queria entender melhor os cânones dados a certos objetos, técnicas, perspectivas, lugares, e as exclusões ou subalternização reservadas a outros. Eu havia estudado uma história da arte onde imperava o mármore, mas pouco, ou quase nada fazia me reconhecer nele. Os acessos e as restrições eram postos em xeque por Amaral. O deslocar da dita “nobreza” do mármore para peças do cotidiano era apenas uma das razões que tornava aquela instalação um lugar de reescrita das histórias das artes. (RIBEIRO, 2022, p. 35)

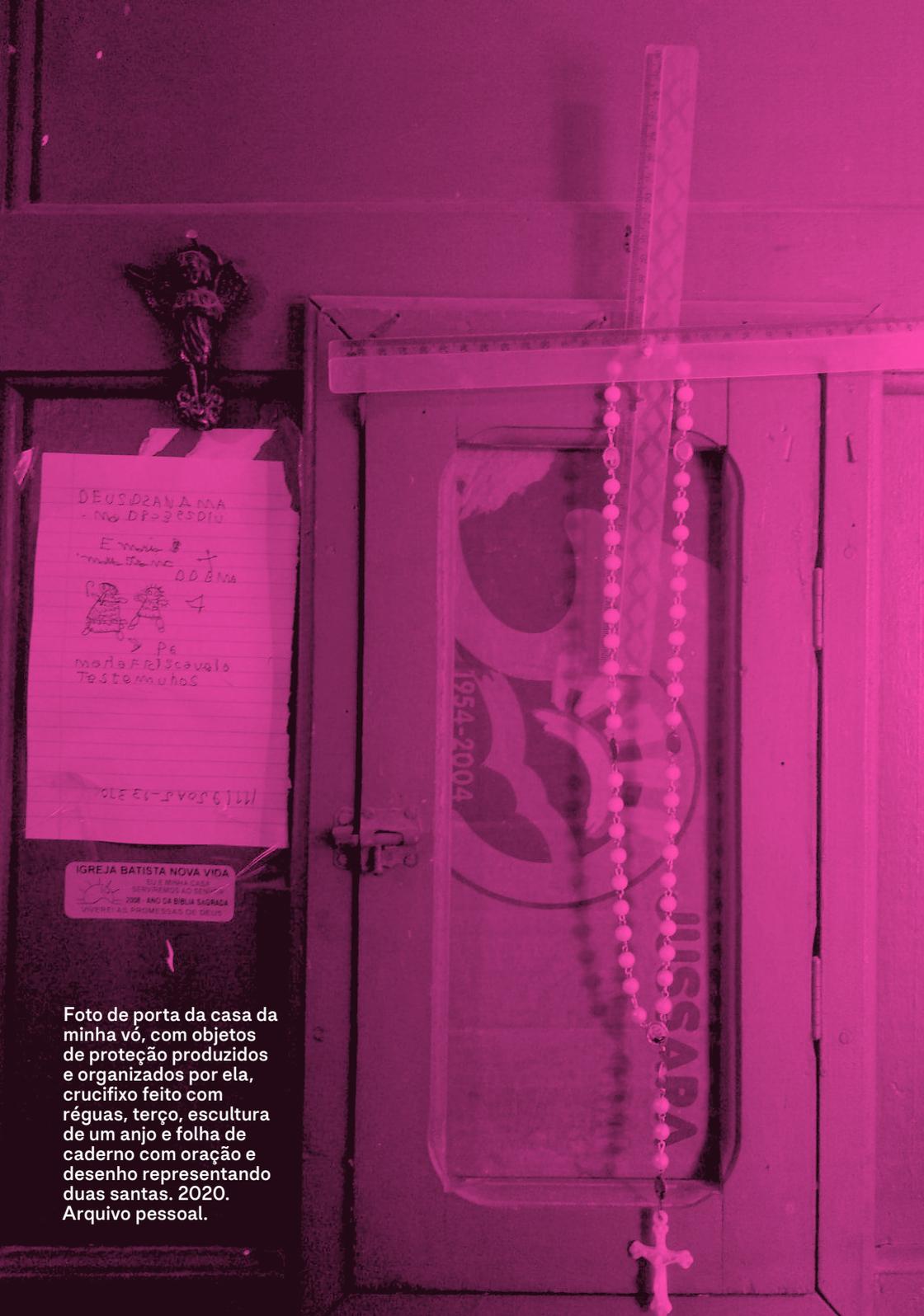
Luciara observa esses cruzamentos e, com a sua experiência como educadora, aplica essas inquietações à curadoria,

entendendo que o sistema hegemônico forjou uma ideia sobre arte, mas que artistas da diáspora estão dispostos a romper com essa estrutura e criar novos imaginários.

E pensando em novos imaginários, Emanuel Araújo (1940-2022), quando foi diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, entre 1992 e 2002, foi responsável por uma série de transformações, entre elas a entrada de obras de artistas negros no acervo, exposições de artistas mundialmente renomados que fizeram o museu ser reconhecido internacionalmente e a principal contribuição: mexer no sistema das mostras temporárias.

Durante sua gestão, a Pinacoteca exibiu um conjunto de exposições como “Vozes da Diáspora”, “Pintores Negros do Século XIX”, “Altars Emblemáticos de Rubem Valentim”, “Arte Ritual do Candomblé: Mantra para Oxalá”, “Brasil África Brasil” e “O Inconsciente Revelado”, esta com esculturas de Agnaldo Manoel dos Santos, ampliando e, assim, dando visibilidade para as expressões afro-brasileiras. Se hoje a Pinacoteca é o que é, se deve ao trabalho de Emanuel Araújo, que criou curadorias muito simbólicas, ousou ao apresentar a estética sagrada das religiões de matriz africana e, dessa forma, abriu caminhos para uma transformação do olhar e da consciência política dentro da conjuntura dos espaços expositivos.

O que também é importante destacar, em relação a novos imaginários e propostas criativas e disruptivas nas exposições de arte, é o papel fundamental de educadores que se propõem a repensar o lugar da mediação a partir de publicações educativas. Materiais pensados de forma coletiva ganham uma potência para além de propostas pré-moldadas. Um exemplo é o material da 12^a Bienal do Mercosul, “Feminino(s): visualidades, ações e afetos”, que foi intitulado *A insistência de estar junto* e desenvolvido de forma coletiva. Num momento desafiador da pandemia, Igor Simões, curador-adjunto da mostra, destaca a força das autorias compartilhadas:



DEUS DZANA NA
No DF-333Diu

Em nome de
mãe e pai +
do Bna



Pe
mãe e pai
Testemunhos

OLEEI-PVOS[11]

IGREJA BATISTA NOVA VIDA
OLEI BINA CASP
SERVIDORES AO SENHOR
2008 ANO DA BIBLIA SAGRADA
DIVERSAS PROMISSAS DE DEUS

Foto de porta da casa da minha vó, com objetos de proteção produzidos e organizados por ela, crucifixo feito com réguas, terço, escultura de um anjo e folha de caderno com oração e desenho representando duas santas. 2020. Arquivo pessoal.

DEUS DZANA MA
- NO DP = 3 ESPIN

E mais 
"mais sub me 
DOBMA



→ PG

ma de Friscavola
Testemunhos

117595045-13370



Participantes montando uma exposição coletiva, em ação desenvolvida durante a oficina “Encruzilhada de saberes: processos experimentais em curadoria, arte e educação”, na Casa de Cultura Vila Guilherme - Casarão, 19 de abril de 2022. Ricardo Miyada.



FABRINHA DE MANDIO

Grupos

CACA

GRUPO DE MANDIO



386 LITROS CONSUMIDOS

DIARRIA

IDENTIDADE



Temas urgentes como arte e presença de mulheres, o recorte trans na arte brasileira, as violências cotidianas e as respostas poéticas, a vida democrática e as suas organizações que tocam na arte, mas não se restringem a ela, a descolonização de saberes sobre si e o outro, as dimensões da racialização, foram pautas que motivaram a presença das artistas convidadas: Renata Felinto, o coletivo Nosotras Proponemos, Aline Motta, Fátima Pecci Carou e Elle de Bernardini. Naquela sala, naqueles instantes, um material ia surgindo pelo estado de conversa, o estado de troca, o cotidiano de estar juntos no breve período de uma mostra. Em cada uma de nossas casas, com câmeras e microfones ligados, apostávamos juntos na força que surge quando uma voz encontra outra, quando o coro substitui o solo. Por isso, aqui as autorias são compartilhadas e passam pelas artistas, pelas professoras e pela equipe do Programa Educativo que juntos inscrevem esse trabalho. (SIMÕES, 2021, p. 3)

Se o sistema hegemônico é unilateral e excludente, a dimensão da ruptura que artistas, curadoras(es) e educadoras(es) negras(os) estão fazendo demonstra uma forma radical de fazer cultura, baseada numa ação amorosa – o amor, aqui, é entendido como dispositivo político de cooperação e transformação de realidades.

Para finalizar o encontro, convidei as participantes a montarem uma exposição a partir de diversos materiais do cotidiano, como panfletos, jornais de ofertas, embalagens, exame de raio X e imagens da publicação educativa da exposição “Histórias Afro-Atlânticas”, realizada pelo Instituto Tomie Ohtake em parceria com o MASP em 2018. A proposta foi cruzar as informações, tensionar, fundir. Sem indicar como criar essa exposição, as pessoas foram trabalhando de forma coletiva, mas também acolhendo suas subjetividades. Por fim, de forma propositiva, perguntei: “O que podemos aprender com as imagens?”

As participantes perceberam que as imagens do cotidiano apresentavam padrões, estereótipos que se configuram em violência simbólica. Esse exercício do olhar foi fundamental para compreendermos que a descolonização precisa acontecer no dia a dia e que não é um evento, mas um processo constante. As imagens ali apresentadas fazem parte da minha pesquisa *Relações, usos e funções das imagens no cotidiano*, que desenvolvo desde 2018, trabalhada em formações para professores com o objetivo de saber de onde vêm as opressões e como operam na sociedade por meio das imagens. Junto com o material educativo, busco desenvolver o senso crítico dentro da própria história das exposições e da arte.

Esse encontro foi um momento de reafirmação do meu dever como educadora e também de honrar os meus pares, que lutam por equidade e justiça social por meio da arte e da educação. Finalizo a escrita evocando novamente o amor, a partir das palavras da professora e curadora Janaina Damaceno Gomes, uma das curadoras da exposição do fotógrafo Walter Firmo, que ocorreu no Instituto Moreira Salles (IMS) de São Paulo: “Se numa sociedade racista a norma é o ódio e o auto-ódio, como nos mostram os trabalhos de bell hooks, Frantz Fanon e Virgínia Bicudo, amar a negritude compreende um percurso necessário de cura (GOMES, 2022, p. 20).”

Referências

- GOMES, Janaina Damaceno. *Amar a negritude* (2022)
- MARTINS, Leda. *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória* (2003)
- ARAÚJO, Marcelo Mattos e CAMARGOS, Marcia (Organização). *Pinacoteca: a história da Pinacoteca do Estado de São Paulo* (2007)
- RIBEIRO, Luciara. *Sem restrições: Construindo acessos e aprendizagens* (2022)
- SIMÕES, Igor. *A insistência de estar junto como plataforma para futuros possíveis* (2021). Disponível em: www.bienalmercosul.art.br/publicacoes

MISTURA DE EXPERIÊNCIAS



ENTREVISTA DE CICERO BIBIANO A JORDANA BRAZ



Nesta entrevista, realizada no dia 14 de maio de 2023, em São Paulo, Jordana e Cicero conversam sobre a participação no projeto Experiências Negras, as mudanças recentes no cenário cultural e as projeções futuras sobre a formação de profissionais de montagem de exposições.

Jordana Braz Como sua participação no projeto Experiências Negras contribuiu e ainda contribui para sua experiência pessoal e profissional? O que você descobriu sobre você mesmo?

Cicero Bibiano Participar do projeto Experiências Negras me ajuda a revisitar os processos de montagem de exposição dos quais eu participei. Revendo esses processos, eu acabo projetando algumas coisas para o futuro. Profissionalmente acabo até ressignificando alguns procedimentos de montagem de exposição, porque são questões muito técnicas, né? Então acabo revisando coisas que eu nem lembrava que tinha experimentado. Agora, pensando pessoalmente, vou pra esse lado de dar aula, da experiência de transmitir toda essa informação para outras pessoas. Essa questão de transferir informações, de transferir experiências, ela acaba complementando e engrandecendo o trabalho. Eu fiquei muito feliz em conseguir transmitir conhecimento para quem estivesse interessado em participar dessa experiência. Eu fiz uma licenciatura em artes visuais, então estudei para ser professor, mas nunca dei aula. Já fiz parte de um ciclo de palestras sobre montagem de exposição, mas já faz alguns anos. O Experiências Negras me ajudou a retomar o movimento de dar aula que estava dentro de mim.

Jordana Braz Desde a sua primeira participação no projeto, o que você notou de mudanças no cenário cultural brasileiro envolvendo a participação de pessoas negras? E o que não mudou?

Cicero Bibiano Eu acho que os museus hoje em dia estão preocupados em trazer pessoas e trazer diversidade para seus

espaços, mas é uma questão muito estrutural ainda, pois essas pessoas dificilmente são alçadas a cargos de chefia. Alguns lugares mudaram, outros ainda não. Você já tem a presença de pessoas negras um pouco mais definida nos espaços, talvez por uma regra ou necessidade. Mas a questão é ter pessoas negras nas lideranças, como chefes. Enquanto essas pessoas não atingirem os cargos de tomada de decisão, podemos falar que pouca coisa mudou.

Jordana Braz O que você gostaria de dizer às outras pessoas sobre o projeto Experiências Negras?

Cicero Bibiano O mais importante em relação ao projeto, no meio do processo que eu acompanhei, foi ver o próprio interesse das pessoas em entender como os processos dos espaços expositivos se dão. Em vários momentos as experiências pessoais se misturaram com as informações que eu estava dando para ressignificar tudo aquilo que estava sendo revisado e visitado ali. Em um processo de aprendizado, a troca é um princípio básico, então o que mais me deu satisfação foi a troca de experiência, porque, na verdade, eu levei algumas informações e as pessoas trouxeram outras novas, tudo foi misturado e no final a gente tinha uma terceira coisa que nem eu e nem as pessoas tinham antes. Então essa mistura de experiência é uma coisa que eu via na faculdade e é algo que eu acho importante no processo educacional. Você não só entra para ensinar, mas você também deve estar disposto a aprender. Eu acho que isso foi importante para mim nesse processo.

Jordana Braz Sua participação no Experiências Negras aconteceu em 2021, no formato on-line, e agora, em 2023, no presencial. A oficina teve a mesma temática, mas como foram as experiências de forma presencial e virtual?

Cicero Bibiano Eu vejo importância nas duas experiências. Em 2021, nós estávamos num contexto diferente, no meio de uma

pandemia. Nós percebemos que o mundo tinha algo que ainda devia ser construído, mesmo em um momento em que estava todo mundo sem esperança. Então, participar da oficina virtual foi importantíssimo, porque foi uma sobrevivência e nós precisávamos daquilo. O encontro tinha que ter sido feito da forma que foi. Mas estar com pessoas, fazendo coisas junto, de forma presencial, em grupo, é muito gratificante. Podemos conversar com as pessoas, estar do lado delas, olhar para elas, estar próximos. Ali, pelo computador, foi bom e importante, mas o presencial é o que nós somos. O ser humano é um ser coletivo, então viver em coletividade é o que nós somos. Logicamente qualquer coisa que a gente faça em grupo tem um pouco do outro, uma outra substância. Estar ao vivo foi muito melhor, estar com as pessoas em “sala de aula” e mostrar as ferramentas, fazer a demonstração de montagem. A participação do público foi incrível!

Jordana Braz Sabendo que Experiências Negras foi o lugar de retomada da sua experiência com a educação, quais são os possíveis próximos passos do seu ser professor?

Cicero Bibiano Tenho projetos a partir da percepção das dificuldades do mercado de arte. Não do mercado em si, mas do segmento dos profissionais de montagem de exposições. Isso é um segmento que passa por crise constante. Para que possam surgir profissionais bem capacitados, é importante que aconteçam cursos de formação. Eu não sei se sou eu que vou dar esses cursos, não sei se vou construir, mas eu tenho certeza que o mercado tem uma lacuna, que é a necessidade de formação de profissionais em montagem de exposição. Em algum momento isso vai ter que ser encarado como uma necessidade. Alguém vai ter que assumir esse desafio e formar esses profissionais da melhor maneira. Não que não haja bons profissionais no mercado, mas é importante ter formação de qualidade para eles.



A MEMÓRIA FUTURA A PARTIR DO EXPERIÊNCIAS NEGRAS

CASA SUELI CARNEIRO



O convite feito pelo Instituto Tomie Ohtake à Casa Sueli Carneiro para projetar a publicação do Experiências Negras coletivamente, ampliando olhares, nos chegou com um misto de alegria, surpresa e curiosidade. Nos aproximamos das motivações que orientaram a proposição e permanência da iniciativa: a necessidade de reconhecer, organizar, relatar, conversar, conectar, formular e refletir sobre práticas de educadoras/es e mediadoras/es negras/os da arte e da cultura.

A parceria proposta no convite à Casa Sueli Carneiro, que busca articular o pensamento ativista-intelectual de Sueli Carneiro com expressões e linguagens negras de continuidade de memória e resistência, não era trivial nem óbvia, porém desejada e provável. Conversas, encontros e oficinas, permeados de generosidade e abertura entre as duas equipes, ampliaram a compreensão conjunta de que realizaríamos uma jornada retrospectiva e prospectiva do Experiências Negras. Nessa jornada, as costuras possíveis entre os saberes e aportes das duas instituições se dariam no caminho, reafirmando a centralidade do diálogo e da coletividade em todos os processos que envolvem o Experiências Negras, na origem e no destino.

Percebemos que podíamos promover espaços e processos de aprendizado, além de trocas mútuas entre Instituto Tomie Ohtake e Casa Sueli Carneiro, por meio de diálogos facilitados entre as duas equipes; que sistematizaríamos trajetória, aprendizados, informações e experiências, propondo caminhos em que a produção e a prática do projeto Experiências Negras conversassem mais publicamente e ampliassem seu alcance; e que identificaríamos atravessamentos mútuos e possibilidades de incidência interna e externa desde a troca de experiências e vivências entre as duas organizações, contribuindo para que ambas fortaleçam seus propósitos através desses entrelaçamentos. As potências fortalecidas em cada instituição foram suas vocações educativas, tanto do Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake quanto das possibilidades formativas que vêm se delineando nas principais experiências do curto período de dois anos e meio de existência da Casa Sueli Carneiro, reveladas principalmente em seus cursos “Fazedoras de Memória Negra”,

apoiado pela Fundação Rosa Luxemburgo, e “Ler o Brasil”, apoiado pela Fundação Ford.

As conversas, encontros e oficinas conduzidos para a feitura desta publicação, que organiza a memória do Experiências Negras e propõe futuros, nos mostraram uma linha do tempo em que dois fios pareciam se entrelaçar: um fio de encontro, convívio, imersão e expressão; e um fio de sistematização, aprendizado, memória e perspectiva.

O fio que costurou a estrutura da realização de seis edições do Experiências Negras, entre 2018 e 2022, foi o da memória, aquela produzida nas vivências, aprendizados e percepções experimentados ao longo das edições. E ele fez enxergar uma estrutura que passava pelo encontro, pelo reconhecimento de questões latentes, pela reflexão, conversa e aprendizado, pela publicação, produção de sínteses (websérie de episódios curtos) e documentação audiovisual.

O momento, então, era o de demorar um pouco mais no olhar para toda essa jornada, respirar e tomar fôlego para seguir com mais força.

O curso “Fazedoras de Memória Negra”, proposto e realizado pela Casa Sueli Carneiro, experimentou perguntas sobre “como as memórias negras, múltiplas, estão sendo trabalhadas em contextos específicos?” e “como as memórias negras são construídas a partir de gestos de resistência, de sobrevivência, e também de criação, de construção de relações, de invenções de modos de vida?”. Entendemos que o Experiências Negras poderia ser olhado também como uma forma de resposta a essas perguntas, mesmo sem ter sido perguntado antes. Compreendemos, então, que essas duas iniciativas – Experiências Negras, implementada pelo Instituto Tomie Ohtake, e “Fazedoras de Memória Negra”, implementada pela Casa Sueli Carneiro – tinham muito o que conversar e articular para a proposição de memória futura.

Alguns aprendizados partilhados no curso “Fazedoras de Memória Negra” nos auxiliam na tessitura dos fios que compõem o Experiências Negras:

- Tempo é acontecimento, é experienciar atravessamentos, conhecimento filosófico bantu a nós presenteado por Tiganá Santana que observamos ao acompanhar o Experiências Negras: poucos anos, seis edições, mas muito acontecimento vivido e observado.

Caminhar é experienciar o tempo. Estar no espaço, ocupar. Portanto, sorver uma certa volumetria é também estar no Tempo. Tempo como lugar, espaço como possibilidade de passagem dos fatos. Há uma experiência territorial – e de espaço para território –, no sentido de que o território exigiria uma demarcação trazida pelas marcas dos próprios acontecimentos temporais, a experiência espaço-territorial é justamente a que assenta as passagens e inscrições no Tempo. (Tiganá Santana, em Insumos para Ancoragem de Memória Negra, p. 52, 53)

- A memória é coletiva, e o cuidado é coletivo com o corpo do mundo: Experiências Negras percebeu logo, desde a primeira edição, que a percepção da caminhada havia de ser coletiva para se converter em potência de continuar.

O corpo é de uma comunidade, essa comunidade que vai cuidar coletivamente desse corpo, e do mesmo jeito que fez ele nascer, vai se despedir coletivamente desse corpo. A responsabilidade coletiva de todos para com todos cria de maneira muito potente uma proteção coletiva. (Uã Flor Do Nascimento, em Insumos para Ancoragem de Memória Negra, p. 131, 132, 133)

- A potência de enegrecer espaços que se insistem excessivamente brancos, como os circuitos consagrados das artes e da cultura, enegrecer espaços visitados, frequentados: Experiências Negras percebe e confronta a forma branca excessiva de frequentar e ocupar esses lugares, contando sua própria história de experiência coletiva.

A maneira como o Experiências Negras foi experimentado e sistematizado mostrou o protagonismo de profissionais negras/os no campo das artes e instituições culturais, com potência de promover impactos na aproximação com outras instituições. A cada edição foram propostos recortes profissionais, como montagem de uma exposição, formação e atuação no coletivo, curadoria, mediação – um fazer que, percebido conjuntamente, pode incidir no campo a partir de redes e influências. É como um mural de experiência coletiva com potencial de provocar instituições culturais em sua composição para dentro e em seu fazer e entregar para fora.

Ao longo do caminho desta construção editorial que sintetiza a prática do Experiências Negras, fizemos perguntas sobre os materiais produzidos para ajudar a entender como reverberam para fora. Buscamos composição, linguagem e balanço na linha do tempo, propondo uma leitura expansiva da iniciativa cujo ordenamento pudesse propor usos e leituras múltiplos para propiciar novos alcances.

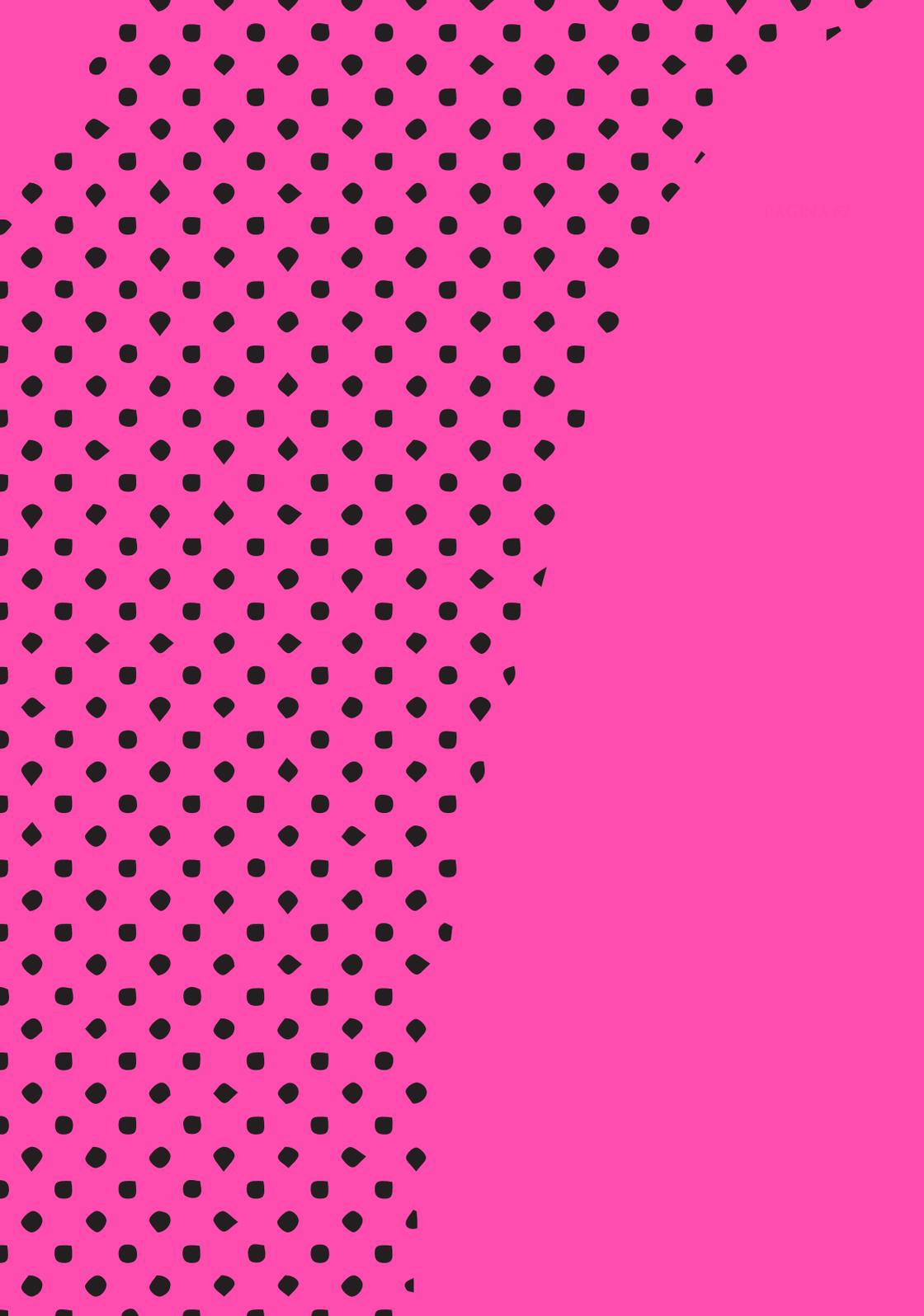
A memória retrospectiva do Experiências Negras nos conta sobre um projeto que esteve atento ao tempo presente, reparou com cuidado no que a experiência vivenciada pelas/os educadoras/es e mediadoras/es parecia trazer e preparou espaços específicos voltados à reflexão e formulação sobre essa experiência, ao encontro de mundos. Esse fio de memória de vivência e aprendizado, permanentemente organizado e sistematizado, traz elementos para ampliar o diálogo com as instituições de arte e cultura no sentido de problematizar suas estruturas e promover transformações que enegreçam seus espaços, suas equipes, suas programações e exposições.

Este precisa ser um exercício permanente e abrangente, que pode incidir sobre a transformação desde a formação de público, passando por equipes de montagem e produção de exposições e equipes de mediadoras/es e educadoras/es de arte e cultura, alcançando curadoras/es e artistas, movimentando todo um setor que é majoritariamente branco, elitista e racista a ser mais negro e espelhar a composição da sociedade brasileira, assim como

estimular o crescimento e respeito a essas profissões entre a população negra.

A memória perspectiva do Experiências Negras oferece elementos organizados que propiciam um posicionamento institucional favorável a um mundo das artes mais negro no Brasil, usando toda a sua estrutura para mostrar como isso é possível e trazendo aportes fundamentais para recontar a história do Brasil pela memória negra na arte e na cultura. Nesse sentido, podem impulsionar pesquisas e produções culturais contemporâneas; elaborar e difundir material educativo reflexivo em torno das experiências de forma contínua e como parte do modo de atuar institucional; influenciar outras instituições para incidir em políticas culturais afirmativas; e identificar e realizar processos formativos para profissionais relacionados ao setor de exposições de arte e cultura. Tais proposições ficarão sempre mais fortalecidas e perenes se forem compostas por memória negra e, ao mesmo tempo, se mantiverem-se produzindo memória negra. E a Casa Sueli Carneiro quer estar junto.





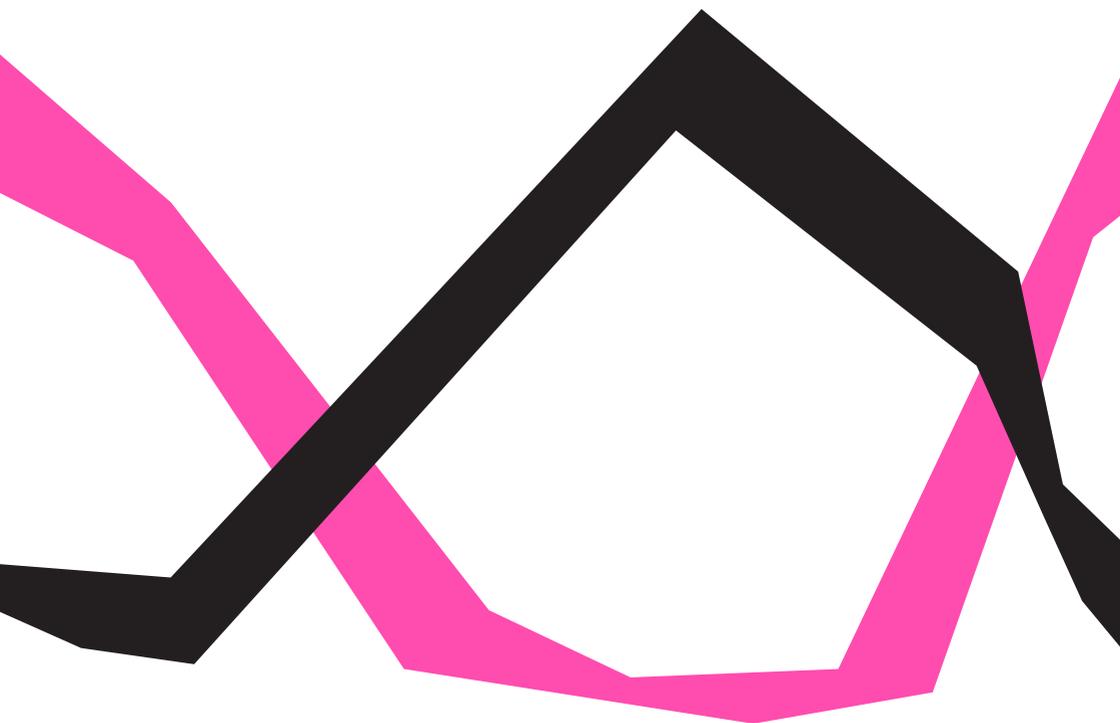
**EXPERIÊNCIAS
NEGRAS
NO TEMPO:
VIVÊNCIAS E
APRENDIZADOS
CONTÍNUOS**

Em abril de 2023, o Instituto Tomie Ohtake e a Casa Sueli Carneiro se reuniram para conversar sobre a trajetória e projetar futuros possíveis para o Experiências Negras. Nesse encontro, as seis edições anteriores pavimentaram os caminhos da conversa e foram percebidas tanto como acontecimentos quanto como reflexões: acontecimentos porque geraram encontros, conexões e transformações; e reflexões porque continuamente produzem aprendizados que alimentam tanto a construção conceitual do projeto quanto a própria prática. A partir desses múltiplos olhares, voltados para o passado e para o futuro da construção de memória negra nos campos da arte, educação e cultura, foram imaginados caminhos para que o projeto possa se fortalecer ainda mais, projetando modos de permanência e ampliando seu alcance.

Essa conversa gerou uma imagem formada por duas linhas sinuosas, sobrepostas e entrelaçadas, com subidas e descidas que se complementam criando cruzamentos onde se encontram os acontecimentos e as memórias do percurso. Nos picos estão registrados os encontros, ciclos formativos e publicações do Experiências Negras, bem como os desafios e o contexto da realização de cada edição. Nos vales, foram inseridos aprendizados e desejos que surgiram no decorrer dos últimos cinco anos, período de tempo em que o Experiências Negras habita não somente o Instituto Tomie Ohtake, mas diversos outros espaços de arte, educação e cultura da cidade de São Paulo e do mundo.

A linha **rosa** foi nutrida pela seguinte pergunta: “Quais foram os acontecimentos mais marcantes em cada edição e quais memórias e aprendizados eles produziram?” A segunda linha, de cor **preta**, partiu de uma pergunta: “A que problema da sociedade essa mudança / transformação possível responde?”; e chegou a outra: “Quais mudanças se revelam nesse movimento de olhar conjuntamente para o passado e o futuro?”. A longo dela, orbitam memórias sobre o que tem sido produzido dentro do setor artístico-cultural pelas pessoas que passaram pelo Experiências Negras, num exercício de recuperação propositiva da memória pautado pelos temas de cada uma das seis edições do projeto.

Quais foram os acontecimentos mais marcantes em cada edição e quais memórias e aprendizados eles produziram?



A que problema da sociedade essa mudança / transformação possível responde?

- Engajamento social como iniciativa pessoal
- Falta de reconhecimento
- Pautas sociais urgentes
- Inércia e ausência de repertório
- Monocultura do pensamento
- Branquitude
- Educação falha no letramento racial
- Linguagens e formas inacessíveis
- Racismo
- Invisibilidade de parte das pessoas

EXPERIÊNCIAS NEGRAS 1

O corpo negro na prática educativa de museus e instituições culturais

Novembro/2018

A presença de pessoas negras nos setores educativos das instituições culturais gera identificação, partilha e memória, que incitam projetos com potência de engajamento coletivo.

Arte como ponto de partida para discutir questões mais amplas.

Ficou evidente a importância da formação de uma rede com centralidade no processo educativo da experiência, construções de reconhecimento institucional, registro, escrita e publicação de reflexões e aprendizados.

EXPERIÊNCIAS NEGRAS 2

Coletivo de artistas negres: projeções para as artes contemporâneas

Agosto/2019

O tema da segunda edição é definido a partir de um fio identificado na primeira edição: a potência do encontro e da troca de experiências, celebrando a continuidade do projeto e da rede construída. Fruto do trabalho coletivo desenvolvido desde a primeira edição, o encontro da segunda edição contou com a participação de cerca de 80 pessoas.

Iniciativa atenta ao tempo: o encontro anterior ensina o próximo, em um processo de ancestralidade que comunica a experiência.

Ao elaborar e executar o projeto, a equipe educativa aprende fazendo, reflete sobre o que aprendeu e cria formas de compartilhar o processo com a sociedade. Essa continuidade e o acúmulo de experiências permite que se vislumbre a possibilidade de maior estruturação e visibilidade para o Experiências Negras.

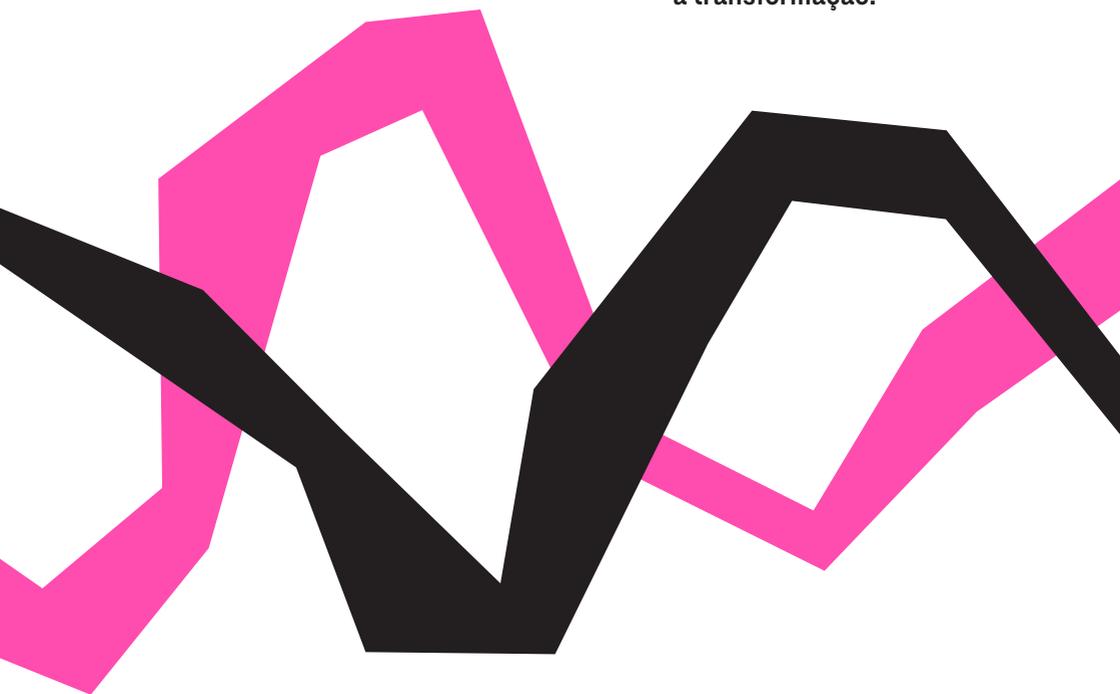
EXPERIÊNCIAS NEGRAS 3

Novas curadorias femininas

Outubro/2019

Após o aprofundamento das conversas sobre a existência e a atuação de coletivos de artistas negras, a terceira edição do projeto apresenta o debate sobre as novas curadorias negras femininas, ampliando os campos de conhecimento e reconhecimento da iniciativa.

O projeto busca provocar contínua revisão das instituições, lançando olhares sobre suas estruturas e espaços para, assim, criar brechas para a transformação.



Experiências Negras é um projeto de grande potência de diálogos e transformações: as experiências negras são múltiplas, assim como as linguagens e representatividades; por isso, são também múltiplas as reverberações a serem compreendidas.

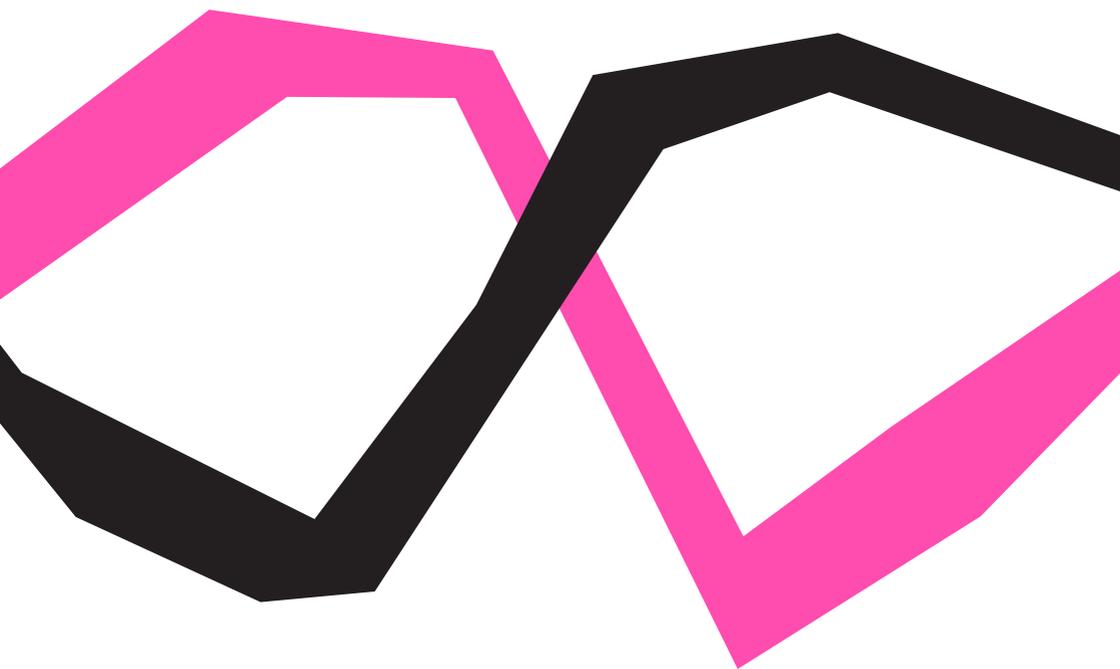
As experiências vivenciadas e compartilhadas durante as três primeiras edições do projeto apontam para uma mudança de formato, visando acomodar a imaginação de mais transformações e alcances possíveis, como a proposição de uma rede de educativos.

EXPERIÊNCIAS NEGRAS 4

Artistas produzindo em tempos de distanciamento

Junho/2020

Realizada durante a pandemia de covid-19, a quarta edição pauta-se por uma revisão da rota: o projeto amplia seu alcance geográfico ao adotar o formato on-line, além de envolver a participação ativa de toda a equipe educativa do Instituto Tomie Ohtake. Concretiza-se o desejo de melhor estruturação do projeto, que passa a contar com mais recursos para a sua realização.



Formação e mapeamento de públicos, agentes culturais, artistas e educadores/as.

A necessidade de revisão do formato, decorrente da interrupção das atividades presenciais devido às recomendações de distanciamento social, evidenciou a potência presente na ampliação contínua do projeto e, conseqüentemente, de seu alcance. Foi ficando cada vez mais nítida a vocação educativa do Experiências Negras.

EXPERIÊNCIAS NEGRAS 5

Partilhas, saberes e vivências

Julho e agosto/2021

O projeto reencontra sua vocação educativa ao adotar, pela primeira vez, a realização de oficinas como base estruturante. Concretiza trocas mais expandidas por meio de diálogos com outros projetos realizados pelo Instituto Tomie Ohtake.

Articulação de redes de convivência e ancestralidade.

Impulsioneamento de pesquisas e produções culturais contemporâneas.

As oficinas realizadas de modo remoto alimentaram o desejo de experimentar contatos presenciais com públicos mais amplos, para além dos circuitos da arte.

EXPERIÊNCIAS NEGRAS 6

Tecendo vivências

Julho e agosto/2022

Pela primeira vez, o projeto acontece de forma presencial em espaços fora do Instituto Tomie Ohtake. São realizadas oficinas, propostas por profissionais negras de múltiplas linguagens da arte, em uma casa de acolhida para mulheres na cidade de São Paulo, abordando o letramento racial a partir da prática artística e da convivência, da linguagem afetiva, do cuidado e da partilha de memórias.

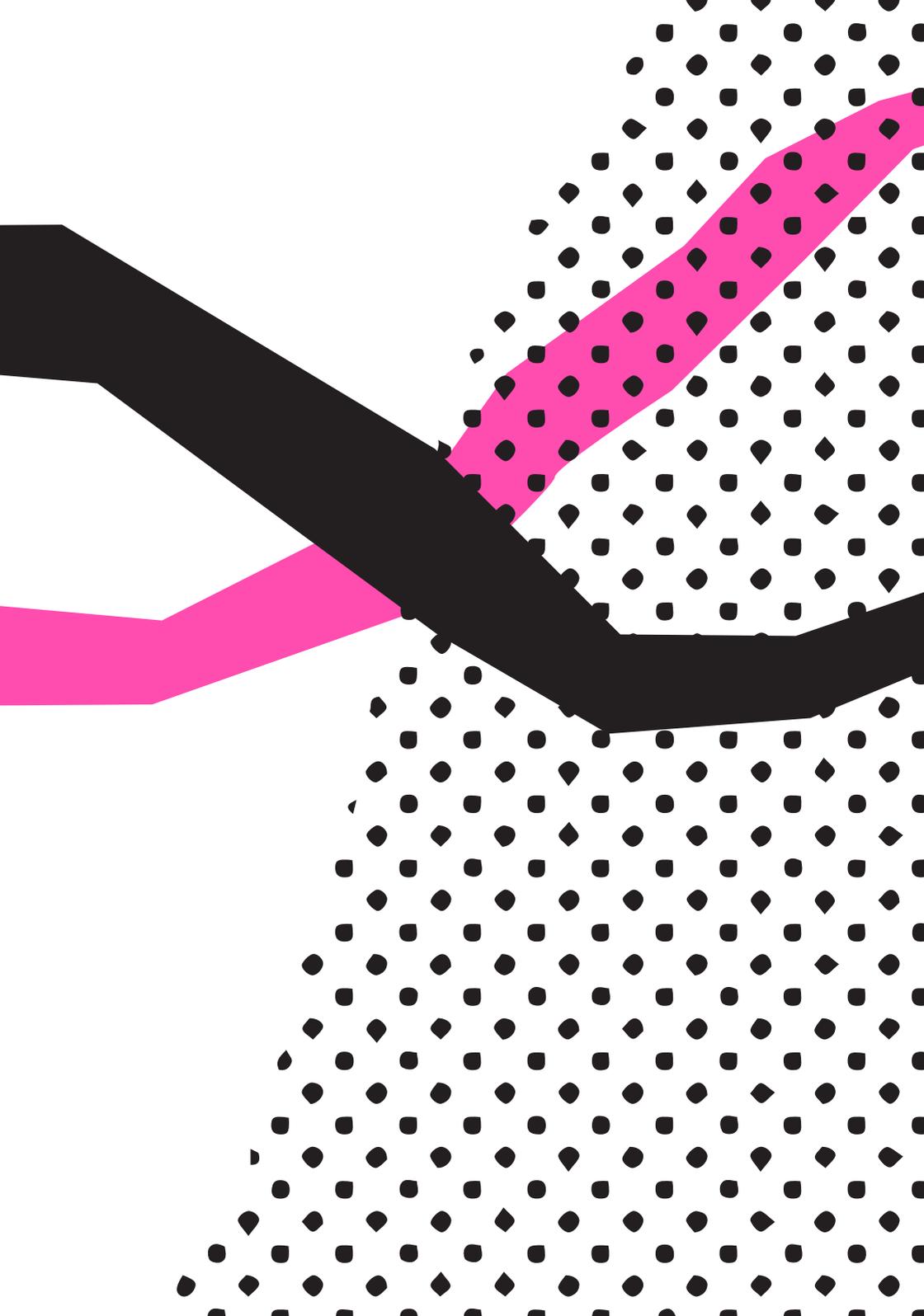
Aprofundamento do debate sobre questões raciais para além de acontecimentos e momentos pontuais como datas específicas ou situações de violência e racismo.

Ocorrida em um momento de retomada das ações presenciais pelo Instituto Tomie Ohtake, a sexta edição mostrou-se intensa e transformadora para a equipe educativa. A descentralização, a ampliação de públicos e a reaproximação entre as pessoas fortaleceu o compromisso antirracista e a vocação educativa do projeto.



Quais mudanças se revelam nesse movimento de olhar conjuntamente para o passado e o futuro?

- Incentivar reflexões que levem às mudanças necessárias.
- Problematizar e complexificar experiências diversas no mundo artístico-cultural.
- Mobilizar as instituições interna e externamente, mudando estruturas e programações.
- Compartilhar vivências coletivas e espaços de diálogo, promovendo encontros de mundos e aprendizados.
- Problematizar as estruturas das instituições e suas capacidades, transformando-as em potência de construção de mudanças.
- Compartilhar referências teóricas e práticas que geram espelhamento.
- Orientar outras produções e incidir sobre as políticas culturais.



SOBRE OS POSTAIS

Em 2023, o Experiências Negras completou cinco anos de existência, com seis publicações digitais. Como parte do desenvolvimento, ampliação e fortalecimento do projeto, o Instituto Tomie Ohtake produziu, em parceria com a Casa Sueli Carneiro, a primeira publicação impressa do Experiências Negras, intitulada *O cotidiano como ação educativa*.

Relembrar as publicações anteriores e todas as pessoas que já passaram pelo projeto é parte importante do processo de criação e disseminação de memória que compõe as bases do Experiências Negras desde 2018. Por isso, fazem parte desta atual etapa as obras que estiveram nas capas das edições anteriores, gentilmente compartilhadas por Juliana dos Santos, Kênia Coqueiro, Suelen Calonga, Keila Sankofa, Maxwell Alexandre e Lais Oliveira, artistas a quem destinamos nossa sincera gratidão.

Essas imagens estão nos seis cartões que acompanham esta publicação. No verso de cada

um deles, você encontrará o título da edição da qual a imagem foi capa, palavras-chaves que apresentam seus principais assuntos e algumas perguntas que podem aprofundar as reflexões apresentadas pelo projeto em suas diversas edições.

Reiterando a vocação educativa do Experiências Negras, manifestada de diferentes maneiras ao longo de sua história, esses cartões foram projetados para múltiplos usos: na escola, no museu, no grupo de estudos, na roda de conversa e onde mais eles puderem engajar conversas e reflexões que contribuam para a construção de uma sociedade antirracista.

Acesse os QR Codes para visualizar as versões digitais das publicações de cada edição:



Edição 1



Edição 4



Edição 2



Edição 5



Edição 3



Edição 6

AUTORIA

Andrea Mendes é baiana de Itaberaba, baseada em Campinas, interior de São Paulo, há 25 anos. Mestranda em Relações Étnico-Raciais pelo CEFET/RJ, graduada em Artes Visuais pela PUC-Campinas, artista visual, curadora, educadora e fundadora da produtora Pretação Arte e do coletivo de artistas Pretas InCorporações, reunindo artistas negras da Região Sudeste, visando promover a arte contemporânea feminina, preta e periférica. Ambos têm como objetivo central potencializar as produções, pesquisas e processos criativos de artistas pretes emergentes e democratizar o acesso às artes visuais.

Casa Sueli Carneiro ocupa a construção onde a ativista e pensadora Sueli Carneiro viveu por 40 anos. Sueli Carneiro é símbolo, referência e liderança do feminismo e do movimento negro brasileiro, e participa dos movimentos em busca de justiça social, racial e de gênero desde o final da década de 1970. A Casa Sueli Carneiro se propõe a acolher, ancorar e sistematizar reflexões, expressões, experiências e acontecimentos, ampliando a visibilidade e a abrangência do pensamento ativista-intelectual-político negro no Brasil e suas interfaces com o pensamento nacional e internacional. Tem como propósito constituir articulação do pensamento ativista-intelectual de Sueli Carneiro em expressões e linguagens negras de continuidade de memória e resistência.

Cícero Bibiano, nascido na cidade de São Paulo, é profissional em manipulação e instalação de arte. Faz montagem fina para museus, galerias de arte e coleções particulares, incluindo coordenação de montagem em exposições. Começou a carreira em 1997, na Pinacoteca de São Paulo, como orientador de público. Fez parte da equipe de montagem da exposição “Brasil + 500 Mostra do Redescobrimto” (2000) e foi encarregado técnico de artes plásticas no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo de 2000 a 2006. Foi montador e coordenador de equipe de montagem em exposições itinerantes em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Brasília. Fez parte da equipe de montagem do MASP de 2017 a 2022. Atualmente trabalha com montagem de exposição e logística na galeria Millan.

Elidayana Alexandrino é artista visual, educadora e pesquisadora, graduada em Artes Plásticas e licenciada em Educação Artística pela Universidade Braz Cubas (UBC). Há mais de uma década atua em museus e centros culturais, desenvolvendo visitas educativas, oficinas e projetos curatoriais. Utiliza a fotografia como suporte de expressão e desenvolve pesquisas nas quais relaciona imagem, memória e cotidiano, entre elas o projeto “Narrativas que se encontram”.

Instituto Tomie Ohtake, inaugurado em novembro de 2001, é uma instituição cultural gratuita, plural e independente que homenageia Tomie Ohtake – artista mulher, migrante e uma das maiores representantes da arte abstrata do século 20. Dedicar-se às artes visuais e seus cruzamentos com a educação, a arquitetura e o design, sempre aberto ao diálogo com outras linguagens e temas contemporâneos. Em sua atuação, estão presentes a pesquisa, a experimentação e o desenvolvimento de exposições e de experiências educativas que mobilizam vozes plurais e pensam o acesso em suas diversas dimensões. O Instituto atua em todo o Brasil a partir de suas premiações, projetos formativos e pela difusão do conhecimento. Além disso, cria conexões e trabalha em parceria com instituições nacionais e internacionais. O Instituto preserva e nutre o legado de Tomie Ohtake e de seus filhos, Ruy e Ricardo, e segue comprometido com a memória e a perenidade do conhecimento que produz.

Jordana Braz é educadora, pesquisadora e produtora cultural. Mestra em Estudos Literários pela Unifesp, pós-graduada em Gestão de Projetos Culturais pelo CELACC-USP e graduada em Letras pela Unifesp. Atua em educativos de instituições culturais desde 2014, incluindo a Fundação Bienal de São Paulo (2014-2015) e o Instituto Tomie Ohtake (2017-2023), no qual foi uma das idealizadoras do projeto Experiências Negras.

Juba Duarte é arte-educadora desde seus 19 anos e trabalha sobretudo com temas ligados a arte, história e cultura afro-brasileiras, além de relações étnico-raciais. Atualmente é mestranda em antropologia social pelo PPGAS-USP. Trabalha na formação de educadores no campo da mediação cultural e educação patrimonial, e também na produção e pesquisa de materiais educativos.

Realização

Programa Municipal de Apoio
a Projetos Culturais - Pro-Mac

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente Estatutário

Ricardo Ohtake

Conselho Deliberativo

Antonio Meyer
Aurea Vieira
Fernando Moraes
Fernando Shimidt
João Vieira da Costa
Roberto Miranda de Lima
Walter Appel

Conselho Fiscal

Miguel Gutierrez
Patricia Verderesi
Sérgio Miyazaki

Associados

Antonio Meyer
Aurea Vieira
Fernando Moraes
Fernando Shimidt
Flavia Almeida
Jandaraci Araujo
João Vieira da Costa
Marlui Miranda
Renata Motta
Roberto Miranda de Lima
Tito Enrique da Silva Neto
Walter Appel

Núcleo de Pesquisa e Curadoria

Paulo Miyada *curador-chefe*
Catalina Bergues
Diego Mauro
Julia Cavazzini
Priscyla Gomes

Núcleo de Cultura e Participação

Carol Tonetti *diretora*
Ana Karina Nogueira
Andrea Lalli de Freitas
Carina Bessa
Claudio Rubino
Dara Roberto
Divina Prado
Fernanda Beraldi
Guilherme Lima Fernandes
Gustavo Menezes

Jane Santos
Julia dos Anjos
Cantanhede *aprendiz*
Karina de Souza
Kaya Fernanda Vallim
Maria Cecilia Lima
Natame Diniz
Raissa Albano
Sabrina Fontenele
Thamata Barbosa
Victor Constantino
Victoria Madeiro
Yasmin Scatolin

Núcleo de Produção de Exposições e Projetos

Vitoria Arruda *diretora*
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Karina Mignoni
Lucas Fabrizzio
Pedro Lemme
Ricardo Miyada
Rodolfo Borbel Pitarello

Administração e Desenvolvimento Institucional

Gabriela Moulin *diretora*

Administração

Fábio Santiago *diretor*
Carlito Oliveira Junior
Ollyver Silva Martins
Rosana Vitoria Gomes *aprendiz*
Tatiane Romani
Willian dos Santos

Projetos

Beatriz Saghaard

Captação

Julia Bergamasco
Jaqueline Viana
Paulo César Jr.
Rafael Pinheiro

Design Gráfico

Vitor Cesar Junior
Felipe Carnevalli De Brot
Ligia Pedra

Tecnologia da Informação

Wesley Pereira da Silva

Secretaria

Maria de Fátima Rocha

Comunicação

Flávio Silva
Raquel Fernandes
Vanessa Rezende

Assessoria de Imprensa

Pool de Comunicação
Marcy Junqueira
Martim Pelisson

Jurídico

Borges Sales & Alem
Advogados
Mei Jou
Renata Saori

Coordenação Operacional

Marcos Sutani

Apoio

Alessandro Oliveira
Cristiane Aparecida Santos
Cristina Simão
Edmilson Pereira
Edson José
Elcio Borges
Eliane Karsch Firmino
Elza Martins
Fábio Araújo
Jonas Pires
Leticia Ribeiro da Silva
Marcelo Mariano
Margarete Oliveira
Raiana Ramos
Silvia Regina
Steven Washington
Tainara de Jesus Veloso
Vandoclécio Vicente

Técnica

Adilson Oliveira
Jacildo A. Paula
Jeferson Souza
Silvio S. Lima

Serviços Gerais

Elizandro Ferreira
Genivaldo Pedro da Silva
Jairo do Nascimento
Luciene Monteiro
Maria Severina Gomes
Sebastião Alves Silva

Zelador

Aroldo Eça
Valdir Ramos

CASA SUELI CARNEIRO

Diretoria Executiva

Ana Leticia Silva
Bianca Santana
Luanda Carneiro Jacoel
Natália de Sena

Conselho Consultivo

Alex Ratts
Ana Flávia Magalhães Pinto
Cidinha da Silva
Débora Dias
Gabriela Leandro Pereira - Gaia
Heloisa Pires de Lima
Luciana Cesar Guimarães
Solimar Carneiro

Conselho Fiscal

Gilberto Costa
Giovanni Harvey
Vânia Narciso

Equipe

Daiana Rocha
Danilo Machado
Isabela Alves
Ionara Lourenço
Taina Silva Santos

Apoio Institucional

Fundação Tide Setubal
Instituto Galo da Manhã
Instituto Ibirapitanga

Apoio a Projetos

Climate and Land Use
Alliance - CLUA
Fundação Ford
Fundação Rosa Luxemburgo
Instituto Itaú Cultural
Open Society Foundation

EXPERIÊNCIAS NEGRAS: O COTIDIANO COMO AÇÃO EDUCATIVA

Coordenação

Ana Carolina Tonetti
Ana Leticia Silva
Jordana Braz

Assistência

Dara Roberto
Divina Prado
Natame Diniz

Redação

Ana Leticia Silva
Andrea Mendes
Bianca Santana
Cicero Bibiano
Divina Prado
Elidayana Alexandrino
Jordana Braz
Juba Duarte
Taina Silva Santos

Projeto gráfico

Vitor Cesar
Felipe Carnevalli De Brot

Ilustrações

Lais Oliveira

Revisão

Isabela Maia

Consultoria de acessibilidade

Claudio Rubino

Audiodescrição e Narração

Ver com Palavras

Videolibras

Ponte Acessibilidade
libras e legendas
Livia Vilas Boas e Naiane
Olah *produção*
Camila Delfino *intérprete surda*
Naiane Olah *locução*

© Instituto Tomie Ohtake INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Complexo Aché Cultural
Rua Coropés, 88
Pinheiros – São Paulo
(11) 2245-1900
www.institutotomieohtake.org.br
instituto@institutotomieohtake.org.br
2023

CASA SUELI CARNEIRO

Rua Gioconda Mussolini, 259
Vila Gomes – São Paulo
(11) 99192-0967
www.casasuelicarneiro.org.br
casasuelicarneiro@casasuelicarneiro.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Experiências negras / Jordana Braz...[et al.] ;
organização Instituto Tomie Ohtake ;
coordenação Carolina Tonetti...[et al.]. --
São Paulo : Instituto Tomie Ohtake, 2023.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-89342-35-9

1. Arte afro-brasileira 2. Cultura afro-brasileira
3. Cultura negra 4. Educadores I. Braz, Jordana.
II. Instituto Tomie Ohtake. III. Tonetti, Carolina.

23-161833

CDD-306.08996081

Índices para catálogo sistemático:

1. Afro-brasileiros : Artes : Cultura : Sociologia
306.08996081

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Organização

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Parceiros institucionais do Núcleo de Cultura e Participação



Apoio técnico



Apoio



Realização



INSTITUTO TOMIE OHTAKE